

LUGARES PRATICADOS: QUANDO O ESPAÇO URBANO GANHA FEIÇÕES DE ESPAÇO PÚBLICO

Paola Peciar¹

RESUMO

Este trabalho diz respeito ao resumo das ideias expostas em minha apresentação no II Seminário de Patrimônio Cultural e Museologia ocorrido na Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, em novembro de 2013. Naquela oportunidade, apresentei algumas reflexões, que podem ser mais bem entendidas como um elenco de possibilidades analíticas futuras, com vistas a uma análise do espaço urbano/público da Praça Matriz localizada no Centro Histórico, de Montevidéu, no Uruguai. Nesse lugar, preponderantemente aos sábados, instala-se uma feira, denominada como a *Feira da Praça Matriz*, também conhecida como a *Feira de Antiguidades*. Parto do pressuposto que esse evento influencia a dinâmica, os usos e as apropriações da Praça Constitucion, em relação ao seu cotidiano nos demais dias da semana. Em suma, minha apresentação no II Seminário de Patrimônio Cultural e Museologia tratou mais de expor uma intenção futura de pesquisa etnográfica, sobre um campo por mim já investigado, mas sob a perspectiva dos estudos do turismo, do que de um relato etnográfico concluído. Por isso, em minha apresentação, privilegiei a exposição de algumas possibilidades de reflexão teórica sobre esse campo, vislumbradas a partir das leituras que venho fazendo nos últimos anos. Ou seja, trata-se mais de um elenco de questões, de possibilidades analíticas, do que da exposição de uma análise conclusiva.

Palavras-Chave: Possibilidades Teóricas de Análise, Cidade, Práticas Sociais.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC.



Este trabalho diz respeito ao resumo das principais inferências que realizei em minha apresentação no II Seminário de Patrimônio Cultural e Museologia ocorrido na Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, em novembro de 2013.

Naquela oportunidade, apresentei algumas reflexões, que podem ser mais bem entendidas como um elenco de possibilidades analíticas futuras, pensadas a partir do espaço urbano/público de uma Praça localizada no Centro Histórico, de Montevidéu, no Uruguai.

Trata-se da Praça Constitución, a mais antiga da capital uruguiaia, conhecida popularmente como a *Praça Matriz*, por localizar-se em frente a Catedral Metropolitana de Montevidéu.

Nesse lugar, preponderantemente aos sábados, instala-se uma feira, denominada como a *Feira da Praça Matriz*, também conhecida como a *Feira de Antiguidades*. Em minhas reflexões, parto do pressuposto que esse evento influencia/transforma a dinâmica, os usos e as apropriações da Praça Constitución, em relação ao seu cotidiano, nos demais dias da semana.

Um lugar “praticado”

A *Feira da Praça Matriz* ou *Feira de Antiguidades* ocorre no âmbito da Praça Constitución, todos os sábados desde os anos 1980. Em pesquisa anterior (PECIAR, 2003), trabalhei este campo com o objetivo de mapear os atrativos turísticos e culturais do local e, de observar e analisar a relação entre turistas e feirantes, suscitada a partir da compra e venda de objetos de antiguidade. Naquele momento, eu transitava pela Praça observando e seguindo os caminhos percorridos pelos visitantes. Também, me vali da convivência com alguns feirantes permanecendo na parte de trás das bancas acompanhando seu trabalho e suas inter-relações com outros expositores, com compradores ou, apenas curiosos.

A partir dessa experiência, algumas questões daquele trabalho ficaram em aberto provocando novas indagações de pesquisa sobre aquele espaço, e todas as relações que o constituem e são também por ele constituídas. Assim, a apresentação realizada no II Seminário de Patrimônio Cultural e Museologia abarcou algumas dessas questões.



Durante as primeiras décadas da independência do Uruguai, a Praça Constitución foi o centro da vida nacional. Ela está posicionada em frente ao Cabildo de Montevideu, construído em 1804, que servia como sede do governo colonial. Assim, em sua origem, a Praça Constitución se estabeleceu como um ponto político e histórico de muita importância na cidade.

Atualmente, em suas imediações, situa-se um importante centro comercial e de negócios. Este local é frequentado e transitado por trabalhadores dos estabelecimentos situados nas suas proximidades, pelos moradores do bairro e pela população da cidade em geral. Também por turistas do mundo todo, especialmente nos meses de julho e entre os meses de dezembro e fevereiro.

A Feira da Praça Matriz é um evento muito popular e conhecido na cidade. Ela é fundamentalmente identificada pela atividade de compra e venda de antiguidades, embora o artesanato faça parte de seus atrativos.

Por meio dos objetos de antiguidade, pertencentes a diversas épocas, a Feira proporciona um sentimento de nostalgia para uns, e instiga a curiosidade de outros.

São louças e pratarias; são objetos de cobre e bronze; são lembranças de propagandas de produtos antigos; são objetos como vitrolas, brinquedos, joias, adereços domésticos ou do vestuário, que na atualidade parecem ter perdido seu “valor funcional”, mas que suscitam outros interesses. Há comércio de livros usados e de revistas também.

Outro aspecto que caracteriza a Feira é que esteticamente ela parece não possuir, como aparentam outras feiras, uma organização “lógica” da disposição dos objetos. Os objetos que descrevi se encontram, aparentemente, todos misturados e, entre as bancas que vendem antiguidades, situam-se de modo intercalado e, em menor número, as bancas de artesanatos. As bancas são montadas de acordo com a criatividade de cada feirante e dos recursos materiais que possa possuir.

Em razão do público que a Feira atrai para a Praça outras práticas além das de compra e venda instalam-se de forma transversal ao evento. São práticas que da Feira, por um lado, se beneficiam e, por outro, lhe agregam sentido e valor.



Refiro-me a recorrente presença de manifestações artístico-culturais e políticas de diversos cunhos, que atuam de forma coadjuvante a Feira, e que parecem estar estrategicamente relacionadas a ela. Desse modo, os frequentadores não têm como se esquivar das práticas coadjuvantes a este evento: inevitavelmente, o visitante irá se deparar com as “estátuas vivas”, apresentações musicais, ou será convidado, por exemplo, a participar de algum “abaixo assinado”.

Andando entre as ruelas da Feira e os arredores da Praça, percebe-se que os usos e práticas neste espaço são motivados por interesses múltiplos, que mobilizados por este evento provocam diferentes apropriações deste espaço urbano.

Para os feirantes e artistas de rua, a Praça torna-se um espaço de trabalho. Para aqueles que desejam se manifestar sobre uma determinada causa, torna-se um espaço para protestos. Para os frequentadores da cidade, torna-se um espaço de passeio, um ponto de encontro, de sociabilidades. Para os turistas, um atrativo turístico, um local para tirar fotos, para fazer compras. De um modo geral, para a maioria dos frequentadores, um local de passeio e lazer.

A diversidade de atividades, o grande ajuntamento de pessoas, confere a Praça um espírito distinto dos demais dias da semana. Pois dia de Feira é dia de movimento, de dinamismo, em contraste a certa calma característica da Praça em dias “comuns”.

Em função destas observações, o pressuposto-chave da reflexão sobre este campo é o de que a Feira, e as práticas que mobiliza na Praça, notadamente modificam este lugar.

Nesse sentido, autores como DeCerteau (2008), MarcAugé (1994), Gilberto Velho (1999,2002), Magnani (1996), Arantes (2000), Proença Leite (2002), Manuel Delgado (2008), Appadurai (2008), Gonçalves (2007), parecem ser frutíferos para pensar em uma etnografia sobre o referido evento.

Somado a esse corpo teórico, também vem inspirando minhas ponderações sobre esse tema, alguns autores que tratam mais especificamente dos estudos da Antropologia dos Objetos e situados na chamada Antropologia



Pós-social, assentada sobre a crítica ao modo de análise clássico com base nas dicotomias cultura/natureza, pesquisador/nativo e sujeito/objeto.

Entendo que especialmente a crítica à visão dicotômica entre sujeito/objeto e, o interesse sobre outras formas de tentar entender/apreender essas relações, podem vir a contribuir analiticamente para um trabalho futuro sobre esse campo, uma vez que uma de suas centralidades constitutivas são as relações, diretas e indiretas, engendradas por meio da negociação de objetos.

Dessa forma, um novo questionamento sobre esse campo, suscitado por meio de outras óticas teóricas pode ser delineado mais ou menos assim: Como pensar os objetos da Feira, desde a perspectiva, por exemplo, de que eles possuem a agência de atrair pessoas?

Nesses termos, autores como Tim Ingold (2006), Bruno Latour (2012), Amiria Henare (2007), entre outros, guardadas suas particularidades e, em alguns casos, até mesmo discrepâncias, poderiam contribuir para esta análise no sentido de incluir uma percepção sobre os objetos enquanto alocados em "fluxos", ou em "redes", ou enquanto "coisas".

Com referência ao primeiro conjunto de autores citados, tenho me apoiado em DeCerteau (2008), no que diz respeito aos meandros da relação entre espaço urbano e práticas sociais.

Como pensar o espaço da Praça e o evento da Feira? Com base em DeCerteau (2008), para quem o *espaço é um lugar praticado*, uma das questões seria investigar até que ponto a Praça, além de ser um lugar planejado, destinado para encontro ou lazer, não se confunde, aos sábados, com a Feira. Lembrando que para DeCerteau, movimento, espontaneidade, originalidade, táticas de consumo, táticas de adaptação, modos de reapropriação de lugares, modos de fazer, de uso, práticas cotidianas, são todas características que conformam um espaço. Acredito que as categorias de *Espaço Planejado* e *Espaço Praticado* também podem ser pertinentes para pensar esta pesquisa.

Ou, até que ponto, pensando nos moldes de Proença Leite (2002), a Praça, espaço urbano, não se torna espaço público por excelência em dias de Feira? Já que segundo este autor, embora o espaço público se constitua, na



maioria das vezes, no espaço urbano, ele se concretiza como espaço público por meio das ações que atribuem sentidos a certos espaços da cidade, e são por elas influenciadas. Será mesmo possível vislumbrar essa diferenciação?

Também Marc Augé (1994) ressalta a questão relacional e identitária das pessoas entre si e com o território, seria esta Praça, em dias de feira, um lugar um antropológico de acordo com este autor? Se pensarmos, na presença dos feirantes, dos frequentadores assíduos, das memórias de outras épocas presentes e suscitadas nos e pelos objetos?

Vale lembrar, que o próprio autor chama a atenção para o estatuto ambíguo do lugar antropológico. Mas, por essa atmosfera toda, construída na relação das pessoas com o espaço e, do espaço com as pessoas, e das pessoas entre si, gerada a partir da *Feira da Praça Matriz*, esse conceito pode ser uma ferramenta importante de análise.

Pode-se dizer que em dias de Feira, a Praça é menos um lugar de passagem, e mais um espaço de convivência. Aos sábados a delimitação espacial e simbólica da Praça torna-se tênue porque ela se mimetiza com a Feira. Onde começa e termina a Feira?

Esta questão remete as colocações de Magnani (1996) com respeito aos desafios colocados pela cidade como campo de pesquisa e, também, as de Arantes (2000), quando aponta que a experiência urbana contemporânea pode ser entendida como *locus* de uma complexa arquitetura de territórios complementares. Também, de fronteiras contraditórias e cruzadas que separam práticas sociais e visões de mundo discrepantes.

Com relação a variedade dos objetos expostos na Feira, e os processos de compra e venda, pode-se pensar que estes, além das funções práticas, como chama a atenção Gonçalves (2007), adquirem funções simbólicas.

De outro modo, no exercício de pensar esses objetos, as colocações de Appadurai (2008) podem ser pertinentes com respeito a circulação de “coisas” em ambientes históricos e culturais específicos. Este autor chama a atenção para o fato de que as coisas transitam dentro e fora do estado de “mercadoria”, e que estes processos se dão por meio de diferentes “regimes de valor” e “políticas de conhecimento” tecidos nos processos de negociação.



Considerações Finais

Um lugar de heterogeneidade e sociabilidades. São as práticas sociais que constroem o espaço ou o espaço que constrói e influencia as práticas? A sociedade complexa e o contexto urbano: estes podem ser preponderante caracterizados pela fragmentação, pelo individualismo, pelas relações tênues e fugazes? A Feira da Praça Matriz desafia a pensar o âmbito urbano em múltiplos termos.

Cabe ressaltar que no âmbito da discussão acerca do patrimônio cultural imaterial no Brasil, Araújo (2007) afirma que historicamente, as feiras adquiriram uma importância que ultrapassa seu papel comercial. Transformando-se, em muitas sociedades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado.

Eventos e espaços como a *Feira da Praça Matriz*, que se constituem como palco para mobilidades sociais e comerciais no espaço público urbano, vem recebendo maior atenção. Refiro-me ao movimento no Brasil, da identificação de duas feiras como bens de patrimônio imaterial: a feira de Caruaru (PE) e a feira de São Cristóvão (RJ). Junto a estas, também reconhecido como patrimônio imaterial, Vaz Silva (2007) aponta o Mercado Ver-o-Peso (PA).

De acordo com o Inventário Nacional de Referências Culturais, INCR (2000), no que se refere ao reconhecimento do patrimônio imaterial, estes eventos entram na categoria "lugares". Com base em que toda a atividade humana produz sentidos de lugar, o Inventário deseja incluir aqueles que possuem sentido cultural diferenciado para a população local, espaços apropriados por práticas e atividades de naturezas variadas.

Nesse sentido, me parece pertinente pensar, também, a *Feira da Praça Matriz* como patrimônio imaterial de sua comunidade que a vivencia a mais de 30 anos.

Especialmente aos sábados a Praça Constitucion não é apenas um lugar de passagem ou de passeio. Mas configura-se como um dos locais mais populares da cidade, em que a identidade, a relação e a história das pessoas com esse espaço são periodicamente, vividas e reafirmadas.



Elementos como memória e tradição estão presentes neste lugar. Pode-se pensar na perspectiva da cidade “como arquivo”, como mencionou o Professor Gilberto Sarkis Yunes, na palestra de abertura deste II Seminário de Patrimônio Cultural e Museologia. Nesse sentido, a realização da Feira, nesta Praça, pode ser ponderada como um documento que revela uma face do modo de vida da cidade de Montevideu. Em suma, a Feira da Praça Matriz, suscita um campo de possibilidades analíticas enquanto lugar praticado e espaço público, no espaço urbano do Centro Histórico da capital do Uruguai.

Referências Bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. **A Vida Social das Coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói, RJ: EdUFF, 2008.
- ARANTES, A. Antonio. **Paisagens paulistanas. Transformações do espaço público**. Campinas: editora Unicamp, 2000.
- ARAÚJO, Giovanna. Uma discussão acerca do patrimônio cultural imaterial no Brasil e em Portugal tendo as feiras de Caruaru-PE (Brasil) e Barcelos (Portugal) como objeto de análise. 2007. Disponível em [http://www.ghp.ics.uminho.pt/l%20Encontro%20CITCEM-DOCS/DIA%2027/Patrim%C3%B3nio%20material%20e%20patrim%C3%B3nio%20cultural%20\(14h30-16h00\)/Giovanna%20Aquino%20Fonseca/Giovanna%20Aquino_TEXTO.pdf](http://www.ghp.ics.uminho.pt/l%20Encontro%20CITCEM-DOCS/DIA%2027/Patrim%C3%B3nio%20material%20e%20patrim%C3%B3nio%20cultural%20(14h30-16h00)/Giovanna%20Aquino%20Fonseca/Giovanna%20Aquino_TEXTO.pdf). Acessado em 12/10/2014.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 15ªed.
- DELGADO, Manuel. **El animal público. Hacia una antropologia de los espacios urbanos**. Barcelona: Anagrama, 2008.
- GONÇALVES, José R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <http://nau.ufsc.br/files/2010/09/antropologia_dos_objetos_V41.pdf>. Acessado em 12/10/2014.
- HENARE, A. et. al. 2007, **Thinking through things: theorizing artefacts ethnographically**, Routledge/Taylor&Francis Group, London; New York.



- INGOLD, T. 2006, Rethinking the animate, reanimating thought. in **Ethnos: Journal of Anthropology**. Vol. 71, n 1, pp 9-20, 2006.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.
- LEITE, Rogério Proença. Contra-Usos e Espaço Público: notas sobre a construção social dos lugares na *Manguetown*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** – Vol.17, n.49, pp.115-134, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme C. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lílian de Luca. (Orgs.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Fapesp, 1996.
- PECIAR, Paola L. R. **Turismo Cultural**. Monografia de Graduação. Santa Maria, RS, 2003.
- VAZ SILVA, Tiago L. C. **Ver-a-Cor: um estudo sobre as relações raciais no mercado do Ver-o-Peso em Belém**. Santa Catarina: 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- VELHO, Gilberto. Antropologia e Cidade. In: Lúcia Lippi Oliveira (org.). **Cidade: história e desafios**. RJ: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2002. Disponibilizado em: [HTTP://www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)
- _____. Observando o Familiar. In: **Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.